

TT Catalão

Quem disse que Brasília só tem duas asas? A eleição deixou clara a cidade partida. Asas, eixos, assentos, satélites, recantos, pontos, al-gures e alhures a cidade se adensa e se mostra em muitas faces.

O Rio já havia experimentado isso, concretamente, quando os túneis abriram os morros e a Zona Norte chegou à Zona Sul. No governo Brizola, a situação se acentuou com novas linhas de ônibus mais baratas e certo orgulho da periferia pelo brizolismo que iria invadir a praia da "elite".

Nossa farofa é outra. A primeira vez em que se falou em metrô do Distrito Federal surgiu o preconceito pelo acesso rápido da periferia. Pensaram até em cercas para as superquadras. A mesma reação quando o deputado Rodrigo Rollemberg aprovou a lei do ônibus corujão. Não o queriam. Sob o preconceito das "pontes levadiças" como se a cidade estivesse na Idade Média e pudesse excluir o que ela entendia como "intruso". O corujão, ao circular depois da meia-noite, permite a freqüência, por exemplo, de muita gente a shows e teatros. Amplia o emprego de quem precisa voltar mais tarde para longe.

Quando começou a distribuição de lotes, discutiu-se o inchaço óbvio da cidade e que isso seria manobra para a criação de um "colégio eleitoral" periférico para desestabilizar a estrutura formal de crescimen-

to e, consequentemente, de opinião da cidade. Hoje, até, tal tese se confirma pelo desequilíbrio dos votos.

O próprio Plano Piloto, traçado por Lúcio Costa, mantinha alguma previsão para os limites. Mas a vida adora desmentir o planejamento. A cidade cresceria além, pois não estava pousada em uma bolha asséptica. Explodiu como eldorado das expectativas rurais tão comum ao Brasil que foge, expulso, do campo para tentar a vida melhor no meio urbano. Desejo lícito de busca para qualquer ser humano. Brasília atraíu.

Mas nesta eleição se configurou pela primeira vez o cisma. A realidade de uma nova cidade dividida em castas e em zonas de interesse. Essa percepção havia naturalmente pelo abismo econômico entre as dificuldades das cidades administrativas e as maravilhas da maior renda per capita do país, no Plano Piloto. É a caricatura do país das contradições presentes entre ricos e pobres.

Aqui, sempre houve a convivência com a diferença, mas não a convivência. Existir privilégio de infra-estrutura para uns e abandono para o resto é acintoso em qualquer país. Embora em Brasília, como grande maquete dramática por ser capital, a imprensa nacional sempre alfinetasse as diferenças para implicar com a indiferença dos governos ante a miséria.

A recente eleição fotografou o abis-

mo com mais nitidez. Esta cidade já foi a construção comovida de cangangos inebriados pela promessa de estar criando "uma nova sociedade" e não apenas uma cidade. Já foi a tribo romântica de resistência, por meio da cultura principalmente, ao inaugurar a cidadania ocupando lentamente os espaços públicos (Concerto Cabeças, Pacotão, Cinema no Gramado, Festas nas Quadras, Shows ao Ar Livre, Arte nos Muros etc.).

Para quem ama a cidade e vive aqui há mais de vinte anos, esta eleição tornou mais explícita a complexidade que nos tornamos. Já se percebia na explosão do trânsito, quando a utopia parece engarrafada na autopista. Já se percebia na crescente proximidade do Entorno em busca dos serviços disponíveis, principalmente saúde. Já se percebia a mudança no perfil cultural, hoje menos misturado e mais distinto em regionalidades. Os grupos tendem a se fechar em núcleos culturais distintos. A cidade nos anos 60 era o símbolo da perda de referência do lugar de origem. Entrar, aqui, era entrar no novo caldo para uma nova síntese. Agora, as tradições estão mais organizadas nos próprios signos de origem. Se antes era mais simples, embora doloroso, reagir ao "inimigo" comum, a ditadura, hoje fragmentam-se "maus" e "bons".

A cidade também sofreu um impacto no espírito de tribo quando pas-

sou a se organizar em partidos para a Câmara Legislativa. Assim as corporações se acentuaram. Era o avanço pela organização popular e passo natural, e bem-vindo, para a construção da cidadania. Mas mexeu no ambiente. Alguns entenderam o momento como um crachá para o que era espontâneo (lutar pelo bem da cidade). A possibilidade do poder formal, via partidária, interfiria no espírito geral.

Agora, a partir desta eleição, deserta a consciência da cidade que consolidada a divisão, o inchaço, a explosão e o confronto cultural. Instalam-se diferentes perspectivas e entendimentos para o presente e o futuro. É o lícito quadro saído das urnas. Vence quem tem mais votos e ponto. É uma cidade diferente e um momento novo para reconsiderar sua estratificação.

Resta um supremo esforço para que a divisão não se acentue em provocações agressivas tanto de quem venceu quanto de quem perdeu. Aprofundar a percepção desta nova cidade é fundamental para continuar a construção da cidadania.

Nem o luto seja de rancor e abatimento, nem a festa seja de revanche e arrogância. A cidade continuará e certamente sobreviverá a qualquer circunstância. No fundo ela é construída, mesmo, na atitude e no comprometimento de cada um, cada dia.

■ TT Catalão é poeta e jornalista